



TRIBUNA Livre

11
OUTUBRO
1958

SEMANÁRIO DE CRÍTICA E ACTUALIDADES

EDITOR: PAULO BARBOSA DE MACEDO

DIRECTOR: ANTÓNIO JOSÉ DA COSTA

PROPRIEDADE: IRMÃOS BARBOSA DE MACEDO

COMPOSIÇÃO, IMPRESSÃO E REDACÇÃO: LARGO DO DR. OLIVEIRA SALAZAR - TEL. 62113 - AMARES

Pecado da Inveja Morreu S. Santidade o Papa

Por EME

Se atentarmos bem na razão de ser de uma grande parte das convulsões sociais e políticas verificadas em nossos dias, chegaremos à conclusão de que a maior parte se caracterizam e baseam no feio pecado da inveja, sentimento mau que assoberba os espíritos mesquinhos e os torna estêreis, conflagrando inuteis a si mesmos e à sociedade, porque a inveja é capital inimiga da caridade e, conseqüentemente, do amor, da bondade e da justiça, identificando-se e convivendo perfeitamente com o ódio, a mentira e a maldade, com o boato, a intriga e a calúnia.

O invejoso vive abecado pela ideia de inutilizar o bem experimentado pelo seu semelhante — para ele suplicio supremo que lhe roi a vontade e queima as entranhas; e assim como a sua desgraça o reduziu à inutilidade, assim pretende que o vizinho seja igualmente inútil, apagado, de forma que tudo que o cerca não projecte luz que o incomode e cegue — que ponha em evidência a obra alheia.

Esta inimiga da sociedade, que é a inveja, onde vê progresso, logo semeia a divisão e a discórdia; onde vê ordem, logo espalha a confusão e a desordem; onde vê força, logo promove a divisão e a anarquia; onde vê verdade, logo gera a difamação e o boato;

onde vê amor, logo espalha a maldade e o ódio; onde vê bondade, logo instala a tirania e a crueldade; onde vê justiça, logo estimula a iniquidade e o crime.

Estes ligeiros conceitos sobre o pecado da inveja, ocorreram-nos ao ler um dos substanciais artigos do Sr. Professor Pacheco de Amorim, ultimamente publicado em o «Comércio do Porto», em que comenta o discurso proferido pelo Sr. Dr. Teotónio Pereira no acto de posse de Ministro da Presidência.

Critica-se ali a falta de cooperação verificada entre nós, nestes termos:

«Quanto ao trabalho em cooperação, podem dar-se duas hipóteses. Se na equipa aparece um «carola», é ele que faz tudo e os outros, ou se limitam a esperar que ele trabalhe por todos, que é a melhor das hipóteses; ou passam a criar-lhe embaraços por todas as formas e feitios. Se por acaso ou ventura a equipa é formada só por «carolas» a sua actuação dá logo nas vistas e surgem as invejas.

A inveja e a preguiça são os dois pecados mortais dos portugueses de gravata, pois só a estes me refiro. E não sei se é só dos portugueses, se é de todo o Mundo».

(Continua na 2.ª página)

O mundo ficou atento à enfermidade de S. Santidade Pio XII e em Castalgandolfo viveram-se horas aflitivas, desde que o Papa teve de recolher ao leito, vítima de esgotamento físico manifesto a que o conduziu a vida austera que levava, de verdadeira penitência pelo trabalho.

Esta figura singular de homem e de Papa, desapaixado numa altura em que a sua acção pacificadora tanto se fazia sentir em todo o mundo. Espírito brilhante, iluminado pelos dons do Espírito Santo, revelados em cada passo da sua vida exterior e interior e sobretudo espalhados pela sua obra magnífica, cheia de união religiosa e ao mesmo tempo de puro realismo.

Pode afirmar-se afoitamente que Pio XII soube ser um Papa à altura da sua época, como o já tinha sido em períodos difíceis decorrentes até à sua elevação à dignidade papal. Pelos dados biográficos que vamos inserir poderá avaliar-se o quanto soube ser esforçado este soldado de Cristo, com tantas batalhas ganhas desde soldado raso às culminâncias do poder eclesiástico. É

significativo notar que, quanto mais alto o guin, daram na sua carreira.

Na Câmara Mortuária

Sua Santidade repousa na câmara mortuária, serenamente, com a face rosada como que mergulhado no sono. Foi embalsamado por um método que evita qualquer incisão. Está vestido de branco, com capuz vermelho na cabeça, sapatos também vermelhos, luvas e solideo brancos. Dois guardas nobres, de espada desembainhada, encontram-se junto à cabeceira do leito de cobre onde jaz e que foi do seu antecessor.

mais se afirmava a sua modéstia e se avultava o seu saber — mais se agigantava a sua figura de verdadeiro atleta da Fé e do Amor ao Próximo.

(Continua na 5.ª página)

A Feira Nova de Amares

é um exemplo de quanto pode a iniciativa dos bons filhos de uma localidade

Há coincidências curiosas que provam como até certo ponto é real aquela asserção popular: a verdade surge como o azeite à tona da água.

Enquanto que um nosso vizinho, o conceituado quinzenário «O Vilaverdense» aponta, como exemplo a seguir, o caso da Feira Nova, outros tentam diminuir e apoucar o que é evidente, com uma insinceridade arripante.

É a lei da vida, cheia de contrastes... Por isso, com a devida vénia, transcrevemos o que diz «O Vilaverdense»:

A Feira Nova, hoje freguesia integrada urbanisticamente na Vila e Sede do Concelho de Amares, é uma das localidades que melhor demonstra o valor indiscutível do verdadeiro bairrismo, quando orientado pelo amor à sua terra, acima de paixões pessoais e da mesquinha política fragmentária.

É verdade que as nossas povoações rurais têm poucas possibilidades económicas, mas são exploradas, na sua fraqueza, para justificar o não teres, ou então a política de divisão, de rivalidade, que muitas vezes, deixa determinadas regiões ao abandono, para servir esta ou aquela localidade, onde reside o cacique ou aqueles que ocupam os cargos públicos.

É fácil engendrar motivos, mesmo aparentemente legais, para lançar uma terra ao ostracismo. Há localidades que andam a penar. O seu mal vem de cima, mas também dos seus habitantes, que não sabem unir-se, lutar pelo bem comum, advogar os seus interesses colectivos, mesmo contra as autarquias locais, quando não sabem cumprir, expondo e dili-

genciando nas esferas superiores da política nacional!

Nestes meios, não se olha às obras, mas sim às pessoas. Ataca-se uma obra mesmo quando é de interesse colectivo, desde que seja feita por este ou aquele senhor, que lhes agrada. Chamam os nossos irmãos brasileiros a isto — cabeça di burro.

Hoje, graças ao auxílio e boa vontade, que existem nas Autoridades Superiores da Nação, de ajudar o progresso dos pequenos meios, quando há espírito de iniciativa e coesão, estes são transformados miraculosamente.

A Feira Nova foi uma dessas terras votadas ao ostracismo. De casas envelhecidas, co-

(Continua na 4.ª página)

NOTA

No próximo número publicaremos algumas considerações sobre um escrito esta semana dado à publicidade.

Reunião de Curso no Santuário da Abadia

É no dia 28 de Outubro corrente, que o Rev. P. e Adelino Eiras Lobarinhas, Digno Pároco da freguesia da Torre deste Concelho, reunirá os seus discípulos no Santuário de Nossa Senhora da Abadia, onde terão lugar os actos litúrgicos referentes a esta festa de confraternização, hoje muito em voga e que só é para louvar, por todos os motivos.

Depois de reconfortado o espírito no egrégio Santuário de Nossa Senhora da Abadia, terá o grupo confraternizante um almoço na Estância de Caldelas, para ali concluir, assim, as cerimónias da sua Primeira Reunião de Curso.

Apraz-nos dar esta notícia por ela constituir uma nota interessante a sublinhar na vida do Santuário da Abadia, muito bem escolhido pelo promotor da Reunião, pois é com actos destes que se contribuirá bastante para que o histórico local se vá tornando conhecido e atinja a prosperidade que lhe é devida.

E também se vê por aqui o quanto a Abadia necessita de imitar o S. Bento na construção de instalações hoteleiras capazes de receber excursões, casamentos, reuniões de curso como esta e outras festas de confraternização. Poderia tornar-se, além de um lugar de oração, um óptimo local de turismo para engrandecimento do Concelho.

MONOGRAFIA DO CONCELHO DE AMARES

Por Domingos M. da Silva

(Continuação do número anterior)

Em 1706 tinha 53 vizinhos; em 1875 a Corografia de Baptista atribui-lhe 56, com 218 almas; actualmente 68 por 360 habitantes, sendo de notar o pequeno aumento populacional. Vivendo exclusivamente da agricultura, a demasia escoou-se pelas vias da emigração.

O padroeiro é S. Pedro, Apóstolo.

Foi antiga abadia da apresentação da mitra. De momento anda anexa à vizinha freguesia da Torre.

A matriz, pequenina e bela, esconde poeticamente a sua modéstia e brancura entre o verde-escuro da espessa vegetação circundante.

Diferem muito desta para a outra margem do Cávado os templos cristãos: enquanto aí são donairosos e altivos, vistosos ao longe, aqui, a não ser as igrejas de Caldelas e Torre, que erguem para o céu suas grimpas soberbas, as restantes, com seus despretençosos campanários, aninham-se em recantos graciosos e pitorescos; e razão teve em chamar a atenção para este pormenor o Sr. Abade João de Freitas.

(Continua na 4.ª página)

Defesa Civil do Território

A resolução de problemas de âmbito nacional exige sempre uma vontade de independência perante as influências subjectivas ou de cooperação, a que toda a gente, humanamente, está mais ou menos sujeita. Além do mais, exige sobretudo entusiasmo da parte de todos os colaboradores, porque, como a tradição afirma, as obras podem falir por esta ou aquela razão mas, em qualquer circunstância, isso sucede sempre quando não está presente o fogo vivificante do entusiasmo.

Eis porque ao problema da Defesa Civil do Território se apresentam certezas de resolução vitoriosa e sensata. É grande o entusiasmo de todos os que trabalham na sua expansão, todos dominados pela ideia de construir, da maneira mais útil, uma D. C. T. verdadeiramente eficiente.

D. C. T. — A colaboração de cada uma para a protecção de todos nós!

Disponha em sua casa de armas para o combate ao incêndio

-- Baldes e pás para remover as bombas incendiárias.
— Um extintor de incêndios, se possível.

— Um adaptador de mangueira para as torneiras interiores.

— Uma boa mangueira de mão.

— Uma escada em condições.

-- Baldes de areia e de água, distribuídos pela casa.

Os povos sofrem, muitas vezes, cataclismos em tempo de paz. Essas tragédias colectivas só podem ser minoradas, mobilizando todos os meios de Defesa da Nação. Mas o esforço e a abnegação dos voluntários só serão eficazes se forem orientados pela Defesa Civil do Território.

* * *

O problema da Defesa Civil do Território constitui vasta tarefa nacional que deve afectar a maioria das populações e seus aglomerados.

É errado supor que esse problema só interessa às principais localidades do país e às suas populações.

Se, na realidade, são estas as que mais provavelmente poderão vir a carecer dos benefícios da D. C. T., é, porém, com base na mais inteligente utilização dos recursos e auxílios, mesmo das pequenas localidades, que a sobrevivência daquelas se pode assegurar.

A Defesa Civil do Território está ao serviço de todos, mas carece também da colaboração de todos.

D. C. T. — A colaboração de cada um para a protecção de todos nós!

1.º— Ponha a sua casa em condições de arranjo contra incêndios.

2.º— Tenha à mão bastante água.

3.º— Mantenha o seu equipamento extintor em boas condições e pronto a ser usado. Saiba manejá-lo.

4.º— Faça da sua família uma equipa de bombeiros.

5.º— Não, perca a cabeça. Os fogos podem ser combatidos.

6.º— Nunca pare de combater, excepto para salvar a vida.

7.º— Não faça pesquisas sózinhos num prédio a arder.

8.º— Treine-se na luta contra incêndios.

* * *

Consagrando-nos a constituir uma Defesa Civil eficiente, contribuimos substancialmente para a causa da paz, ao mesmo tempo que nos preparamos para a eventualidade de uma guerra.

* * *

NÃO ESPERE PARA AMANHÃ!

Inscreeva-se, imediatamente, num curso da D.C.T.!

CONFRARIAS DE LAGO

CONFRARIA DO S. SACRAMENTO

Tendo considerado as atribuições do Juiz, vejamos agora as dos outros Mesários, segundo os primitivos estatutos. O capítulo 3.º trata do secretário e diz:

— «O secretário terá em seu poder os livros, que lhe pertencer, e deles dará os róis, que forem precisos, ao Procurador para, por eles, cobrar e arrecadar os dinheiros e juros vencidos a saber: os títulos, escrituras e papeis, e estes os terá em seu poder e terá cuidado em ver se estes dinheiros estão seguros; e, não estando, o proporá em Mesa sob pena de os pagar pelos seus bens; — Por isto se vê que pertencia ao Secretário a guarda dos livros e dos documentos pertencentes à Confraria.

Esta doutrina ganhou raízes e assim os estatutos de 1912, bem como os de 1941, estabelecem a mesma regra, nos artigos 23 e 32, respectivamente. Contudo o bom senso e a experiência dos factos não aprovam tal doutrina. Pode, com efeito, o Secretário ser um homem honesto e muito zeloso; mas, tem, em regra, família, a seu cargo, e precisa ganhar. Poderão a mulher, os filhos, ou criados, encontrar os livros e respeitar aqueles que pareçam novos; isto na melhor das hipóteses... mas, os livros velhos?... Certa Regente Escolar dava aulas numa sala de uma Residência Paroquial, vendida a particulares; e desde que os funcionários do Civil se tinham apoderado do Arquivo Paroquial, a dita residência foi habitada por diversas pessoas leigas. Um dia a Sra. Regente examinou melhor as paredes da sala e encontrou, em uma cantareira engravada nas ditas paredes, vários papeis e livros velhos e cheios de bolor, manuscritos. Aborrecida com os intrusos resolveu fazer com eles uma fogueira. As crianças assistiam ao «auto-de-fé» e vendo entre os «condenados» um, com capas e cordeis de pergaminho, tiraram-no da fogueira e foram levá-lo ao Sr. Abade, perguntando-lhe se o queria, e contaram a «ceremónia» da fogueira. O Pároco examinou o manuscrito e

verificou tratar-se do livro das Visitas, de grande valor histórico para a freguesia. Este escapou. Os outros, certamente documentos de foros, testamentos, etc., ficaram em cinza. E ela... sabia ler! Foi assim, mais ou menos, que a Confraria do S. Sacramento de Lago perdeu vários livros, e outros documentos, que agora lhe fazem bastante falta para estudo e garantia do direito de propriedade, v. g., do Olival do Senhor. É curioso notar que o Regulamento Geral das Associações Religiosas dos Fiéis, de 22 de Julho de 1937, estabeleceu no seu artigo 112: — «Para guarda dos documentos, que se devem conservar, as associações terão o seu arquivo próprio, construído em lugar seguro e sêco, fechado com duas chaves diferentes, uma das quais terá em poder do presidente e outra em poder do secretário; — Os documentos mencionados, a guardar neste arquivo são: — Os originais dos estatutos... das escrituras, dos testamentos, e d'outros documentos que interessarem... ao estado jurídico e patrimonial, ou à história... das Confrarias (cn. 1523,6.º)» — Depois, no artigo 115, diz: — «Os livros mencionados no artigo 98 serão conservados no arquivo comum... em armário... sob a vigilância do presidente da Mesa e a guarda efectiva do secretário»; — E no artigo 116 diz: — «Sob nenhum pretexto poderão os documentos e os livros das associações (confrarias) sair dos seus arquivos, a não ser por ordem do Ordinarário»...

Em face desta legislação, em pleno vigor, não se compreende a redacção do artigo 32 dos estatutos de 1941, a não ser que Monsenhor Manuel Pereira Junior estivesse distraído, quando os examinou e aprovou, em representação do Sr. Arcebispo Primaz.

Embora os três exemplares dos estatutos da Confraria do S. Sacramento estejam contra o Regulamento Geral das Associações Religiosas dos Fiéis, as Mesas dos últimos oito anos cumprem o dito Regulamento; pois, não tendo arquivo próprio, conservam todos os livros

e documentos em uma das secções do Arquivo Paroquial — um armário espaçoso, com portas de vidro — que o actual Pároco mandou construir, em 4 de Dezembro, de 1949.

O capítulo 4.º dos estatutos primitivos diz: — «O Tesoureiro terá especial cuidado em recolher e guardar todos os trastes e paramentos pertencentes ao S. Sacramento, e fará preparo na igreja para as missas dos meses e fará peditório, em tempo hábil, de pão, vinho e azeite».

O capítulo 5.º diz: — O Procurador tratará de todas as causas aplicadas com a maior actividade e zelo, entregando-lhe o Secretário, no fim de Março, o rol dos que estiverem devendo. Os juros, cuidará em os arrecadar, judicialmente, sem ser necessário dar parte à Mesa; mas, outros

pleitos não os tentará sem ela os mandar para as despesas dos litígios, pedirá bilhetes ao Secretário, e haverá com eles, do Tesoureiro, as quantias necessárias; — O Procurador tinha, nestes estatutos de 1794, poderes largos. Nos de 1912 aparecem sete Mesários e nos de 1941 encontram-se cinco, em vez dos quatro primitivos.

É interessante observar que a função de procurador não aparece nos dois últimos estatutos. Os poderes do Procurador foram acumulados pelo Tesoureiro e pe'o Juiz e algumas funções do Tesoureiro v. g. — «guardar todos os trastes — são agora desempenhas por um dos vogais, chamado vulgarmente, o «Zelador».

Veremos outros aspectos curiosos desta confraria.

J. F.

Pecado da Inveja

(Continuação da 1.ª página)

Verifica-se por aqui, que o mal que nos rodeia e que é fruto enconteroso de inveja e de ciúmes políticos, não se circunscreve somente ao Distrito de Braga, mas alastra por esse Portugal além, a entorpecer a acção das pessoas de boa vontade, desses «carolas» que tão raramente aparecem e que os ineptos e maldizentes procuram pôr fora de acção com inveja de os verem progredir.

Nunca como hoje se viu tanta ciúmeira política, tanta propalação de boatos, tanta deslegância de atitudes — tanta anarquia simulada com que se procuram minar as forças de quem deseja trabalhar para o bem comum. Procura atear-se a impaciência das massas e provocar o desgosto pela acção governamental, antes que os próximos frutos apareçam a contradizer os maldizentes, a calar a boca dos incrédulos, a vexar os invejosos.

Torna-se absolutamente ne-

cessário perante este doentio estado de espirito que a última eleição presidencial ateou, em labareda que ainda arde, escolher homens de acção, autênticos «carolas» que saibam trabalhar em equipa e possam, realmente, sobreviver aos invejosos, que ferverham em toda a parte e vão criando uma onda de insatisfação que pode levar a más consequências.

A esta mentalidade doentia vem juntar-se a crise de educação, já anotada pelo Sr. Ministro da Presidência, de que se utilizam os agitadores políticos para servirem o seu vergonhoso pecado de inveja.

Só com uma activa renovação dos quadros políticos, sociais e económicos em que participem verdadeiros «carolas», ao serviço do bem comum, poderá a nação reagir contra os seus maiores inimigos de todos os tempos: os invejosos mexeriqueiros políticos.

E M E

TABAQUEIRA

A CASA ÁLVARO GOMES

FEIRA NOVA-AMARES

TEM A HONRA DE PARTICIPAR A TODOS OS SEUS CLIENTES, COMERCIANTES E AMIGOS, QUE FOI NOMEADO AGENTE DOS AFAMADOS TABACOS. DA TABAQUEIRA

DESDE JÁ AGRADECE A COLABORAÇÃO DE V. EX.ª NA SUA SECÇÃO DE VENDAS, TANTO POR JUNTO COMO A RETALHO

Companhia de Seguros «ATLAS»

Efectua seguros em todos os ramos. No seu próprio interesse consulte as condições que esta acreditada companhia lhe oferece, por intermédio do seu agente nesta Vila Sr. Manuel Gonçalves da Silva.

Efectue hoje mesmo, os seus seguros.

TRIBUNA do CONCELHO

BOURO

Ao Senhor Delegado de «Tribuna Livre» em Vila Verde

Com os meus respeitosos cumprimentos, venho agradecer a V.ª Ex.ª a devida rectificação que se dignou fazer no «Panorama Social», referente ao caso, ocorrido em Bouro, no dia 14 de Setembro p. p.

A informação que o Senhor motorista lhe forneceu, está ainda um pouco à margem da pura verdade, mas porque sei o quanto já lhe fui massador, julgo melhor não mais voltar ao assunto.

Permita-me V.ª Ex.ª que lhe acrescente apenas a circunstância seguinte:

O procedimento dos autores daquela «façanha», não agradou em absoluto especialmente a pessoas sensatas da freguesia, mas era tal a repugnância do escândalo provocado por aqueles indesejáveis, que absteve estas pessoas de interceder a seu favor.

A mim próprio também me desagradou e o assunto chegou à barra do Tribunal. Se no entanto dispensarmos um pouco de atenção à leitura do artigo «Concubinato, Adultério & C.» publicado no número anterior deste semanário, por pessoa que eu ignoro, acabamos por concluir, que o repugante procedimento daqueles monstros, ainda merecia mais severo castigo.

Julgo dar o assunto por terminado. Resta-me agradecer mais uma vez a V.ª Ex.ª, a maneira como me respondeu, que dá, na verdade, nítida ideia de possuir esmerada educação.

Um sincero muito obrigado, do amigo ao dispor.

Carreira entre Bouro-Abadia

O Maravilhoso Santuário de Nossa Senhora da Abadia, acaba de ser beneficiado com a passagem de uma carreira, que foi inaugurada no passado Domingo, benefício este que desde há muito aspirava a Mesa Administrativa, assim como grande parte dos visitantes, que muitas vezes se abstinham de fazer visitas, pela dificuldade do meio de transporte.

O primeiro passo está dado; resta agora que a Empresa Concessionária estabeleça os horários por forma a satisfazer convenientemente o público, e de harmonia com as opiniões da Confraria, pois é esta que mais facilmente pode avaliar a conveniência dos visitantes àquele histórico Santuário.

Lamentamos que a Empresa Concessionária não tivesse conseguido as respectivas licenças, para que a carreira entrasse em vigor ainda na época do verão, por ser a ocasião que muito afluem as visitas ao Santuário, mas espera-

mos, pelo menos, que durante a época do inverno, se vá procurado a melhor conveniência dos horários, a fim de que no próximo verão, eles estejam satisfatoriamente estabelecidas.

Assim o espera a Ex.ª Confraria e o público visitante daquele Santuário.

A passagem da Carreira por Abadia, pode considera-se um importante benefício, pois a afluência da visitantes, vai ser, tenho a certeza, muito superior.

À Mesa Administrativa, que tanto se tem esforçado para elevar o Santuário ao nível que bem merece, levado a cabo importantes melhoramentos, ficam aqui, bem vinculados, os nossos sinceros parabéns.

A. Fernandes

DE LAGO

Foi atropelado por um automóvel o lavrador-caseiro Augusto Gomes Soares, do lugar do Barral, felizmente com pouca gravidade. O desastre ocorreu no lugar da Veiga, quando o Soares seguia à frente do seu carro de bois.

— Domingo passado foram em romagem a S. Bento da Porta Aberta e N. S. da Abadia muitas pessoas daqui.

— Parece que a Escola Primária desta freguesia foi novamente roubada. Teriam levado um relógio, cerca de 20\$00 da Caixa Escolar e pouco mais.

— Por notícias recebidas de França, onde estava estabelecido com Café-Restaurante, sabe-se ter ali falecido o filho desta localidade, Sr. Basílio Ribeiro Fernandes.

À família em luto, principalmente a seu irmão Sr. José Ribeiro Fernandes, apresentamos condolências.

— A presente semana tem sido de sol. Os lavradores têm-no aproveitado para recolher e secar os milhos que ainda estavam nos campos, e acabar as vindimas.

J. P.

Automóveis de Aluquer

DE

José António Vieira

Carros de 4 e 6 lugares

Telef. 65130 (na residência)

Termas de Caldela

BESTEIROS FESTA JUBILOSA Sr.ª D.ª Rosa Maria Veloso Ribeiro

Após uma melindrosa operação e rigoroso tratamento a que se sujeitou em Lisboa, a nossa querida e estimada Sra. D. Rosa Maria Veloso Ribeiro, há três longos meses que pareceram três, longos séculos, dignou-se esta singular propagandista da devoção e milagres de S.ª Filomena, visitar a sua gente e os seus inumeráveis amigos, no passado domingo, que foi para todos nós um dia de júbilo e de alegria inenarráveis.

Veio acompanhada da distinta, alta e fidalgua família «Morais da Rocha», que a trouxe no seu luxuoso carro até à Feira Nova, onde almoçaram pela volta das 13 horas; ali, houve efectuosos cumprimentos, abraços, flores, lágrimas de comoção, saudações e brindes. Às três horas seguiu-se o cortejo automobilístico até à vizinha freguesia de Besteiros onde o povo lhe preparou uma estrondosa e invulgar recepção.

Não faltaram ali os altofalantes, as girândolas, morteiros, e multos foguetes, muitas flores, vivas, palmas, entusiásticos cantos e marchas triunfais entoadas pelas cantoras Maria da Conceição Pereira Veloso, Helena Pereira da Mota, Maria Regina Pereira da Mota, Olívia da Soledade Almeida Brandão e Margarida Vieira de Macedo, dirigidas e ensaiadas pelo hábil, educado e respeitador maestro Afonso Abrantes da Mota, que compôs um hino novo apropriado a esta festa, o qual saiu uma perfeição, pelo que são dignos de todos os parabéns.

É-nos lícito destacar as lindas poesias e discursos de saudação feitas com especial graça e candura pelas nossas crianças, entre as quais os seguintes meninos: Manuel de Macedo Cracel, Egídio Baptista Gonçalves, Adriano Gonçalves, José Domingos Pereira da Mota e José Maria de Abreu Martins, e as meninas Maria Júlia Veloso Lira, Maria Júlia Cunha de Sousa e Maria Alice Cunha de Sousa, que todas se saíram muito bem e arrancaram lágrimas a toda a numerosa assistência.

À chegada à Igreja, o M. Rev. Pároco P.º Calisto Vieira deu a esta Santa Senhora as Boas-Vindas e convidou-a a entrar no Templo, bem como a toda a multidão que o encheu completamente. Foi resado o Terço com lindos e magistrais cânticos, estando ao harmónio a nossa Homenagiado e tocando violino, o nosso brioso mestre Afonso

Houve sermão congratulatório feito pelo Senhor P.º Sebastião—Missionário de Santa Filomena—e no final Bênção do SS.º Sacramento e larga

Consagração a Santa Filomena no seu lindo altar, extraordinariamente iluminado e electrificado. Finalmente usa da palavra quente e enternecedora, o Senhor Abade de Carrazedo—P.º Alves da Lomba que, encantado com a festa que acabara de presenciar, termina por dar largos elogios, ao bom povo de Besteiros, que unido, faz festas como nenhum outro povo. De facto, tudo correu uma maravilha. É de notar e ilogiar também um lindo tapete e arruado, na Avenida em frente à Igreja, o qual foi organizado pelos senhores Joaquim Baptista Gonçalves, Carolino Alberto dos Reis, António de Carvalho e outros. Todos os altares da Igreja estavam ornamentados a primor devido ao cuidado e carinho de todas as zeladoras, destacando-se as Ex.ªs Senhoras Aurora Vieira e Clotilde do Céu Vieira, que, com o seu querido e estimado Pai «o Senhor Vieira» constituem uma família muito dedicada pelo bem e progresso da nossa Igreja Paroquial. As nossas queridas Autoridades e Dig.ª Junta, presentes, merecem também os nossos louvores.

Parabéns a todos. O Senhor João Novais da Rocha, sua Ex.ª esposa e irmã, que presenciaram esta festa aqui, e outra idêntica em Mouquim, ficaram deveras impressionados e retiraram para Lisboa, comovidos e satisfeitos. O Senhor Gonçalves e sua Ex.ª esposa e filhinha, não puderam vir; assistiram em espírito. Daqui os saudamos e felicitamos a todos e os esperamos abraçar dentro em breve. Honra e Glória a Santa Filomena. Te Deum Laudamus, Te Dominum Confitemur.—C.

BAPTIZADO

No passado Domingo, na Igreja Matriz, desta vila, realizou-se o baptismo da filhinha do nosso assinante sr. Manuel Alves Victoriano, alfaite, e de sua esposa Amélia de Jesus da Cunha.

A neófito recebeu o nome de Ema da Luz e serviram de padrinhos sua tia Ema da Luz Victoriano e o tio Agostinho da Cunha.

NOVOS ASSINANTES

Pelo Sr. Domingos da Silva, nosso estimado assinante, foi-nos indicado para assinante a menina Maria de Jesus da Silva.

Também pelo nosso assinante Sr. António José Ferreira, residente em Lisboa, foi-nos indicado o Sr. Adelino da Conceição Cunha.

Gostosamente fizemos as suas inscrições e agradecemos.

Vida elegante

Aniversários

No passado dia 6, completou uma risonha primavera, a menina Maria Filomena Teixeira Machado, filha da S.ª Rosalina de Fátima Teixeira Machado e do S.º Manuel Teixeira, residentes no Canadá.

Passou também no passado dia 7 do corrente, mais um aniversário, o nosso amigo Sr. António José da Silva Ribeiro, empregado na Alfaiataria «Belcorte».

Hoje — do Sr. Comendador Augusto Ferreira Arantes.

Segunda-feira — do Sr. Manuel Dias de Magalhães e o menino António Alberto Dias Monteiro.

Quinta-feira — do Sr. João Ferreira Ferradais.



A «Modelar»

Execute toda a qualidade de trabalhos, desde os mais simples aos mais luxuosos.



HUMORISMO

Risca ao lado

Havia um pai careca, que tinha dois filhos.

Um dia diz para o mais velho: — Filho, penteia-me e faz a risca.

— Não posso, Papá.

Então ele disse para o mais novo:

E tu, meu querido filho, também me dirás, que não podes fazer-me a risca no cabelo?

— Ó papá, faço sim, mas com um lápis...

No confessional:

— Quantos são os inimigos da alma?

— No ano passado eram três.

— Heim?

— Sim, Senhor, eram três e hoje são quatro: mundo, diabo, carne e... minha sogra.

Um exame sobre gramática

— O que é um ovo?

— Um nome substantivo.

— Masculino ou feminino?

— Não sei, sr. professor; será masculino ou feminino, se sair dele um galo ou uma galinha...

MONOGRAFIA DO CONCELHO

(Continuação da 1.ª página)

Desta vez não veio armado de bordão, que a digressão apresentou-se mais suave, graças ao *Wolkswagen* de Tijuca, perdoe a expressão de trato familiar, mal chegado da sua viagem a Manaus, pôs outra vez e obsequiosamente o seu carro ao serviço da Monografia.

Voltemos à descrição da matriz.

Tem gravadas exteriormente, em alto relêvo, nas empenas, as cruces da via-sacra e na linha da fachada um formoso campanário com 2 sinos.

Além do altar-mór, de talha muito singela e com tribuna, tem à parte do Evangelho o do Coração de Jesus e o de N. S.ª de Fátima e, à Epístola, o do Coração de Maria.

Há nesta freguesia, no lugar de Cima de Vila e à margem da estrada de Caldelas à Feira-Nova, uma capela pública, dedicada a Santa Marta. É de granito a imagem da padroeira; é de granito e muito antiga. Foi pintada.

Um pouco acima da igreja, seguindo-se por uma calçada íngreme, encontra-se o artístico cruzeiro paroquial. Abrigado por alpendre de zinco sobre colunas metálicas e defendido por grades de ferro, tem no plinto os seguintes dizeres:

N. S.
DE BEIM
1787

Na cruz, Cristo esculpido em forma.
Das Inquirições de 1220: *De Sancto Petro de Portela..... e alguns iam à entroviscada.*

(Continua no próximo número)

TRIBUNA DESPORTIVA

(Continuação da 6.ª página)

contro foi disputado. O empate não estaria mal, devido às grandes oportunidades de gol desperdiçadas pelos visitantes

GUIMARÃES, 3-BRAGA, 1

O já tradicional e conhecido «drible» minhoto, não foi mais do que aquilo que se esperava. Foi como todos os encontros que esta pugna celebrizaram, um jogo de nervos.

Os bracarenses embora saindo derrotados, se não fora a infelicidade do seu guarda-redes em duas intervenções infelizes, que deram dois golos, o que arrefeceu bastante os ânimos dos bracarenses, estes talvez tivessem conseguido melhor resultado.

Os bracarenses, tecnicamente, foram quase sempre superiores aos vimaranenses, mas estes sempre mais realizadores. É de lamentar, de facto, a infeliz actuação do guardião bracarense.

A classificação ficou assim ordenada:

Classificação

Benfica	6
Guimarães.	6
Setúbal	5
Porto	5
Belenenses.	5
Cuf	4
Braga	4
Sporting	4
Caldas	4
Torriense	3
Covilhã	2
Lusitano	2
Académica.	2
Barreirense	1

J. M. Fernandes

O vaticínio para o próximo domingo

No próximo domingo disputa-se a 5.ª jornada do Nacional da I.ª Divisão, e nós como de costume cá estamos para arriscar um prognóstico aos jogos da jornada acima referida. Desta vez vamos vaticinar analisando os jogos separadamente para no final darmos o prognóstico habitual. Vamos principiar pelo grupo minhoto, representante de Braga.

Os bracarenses recebem no seu campo o Caldas e estamos certos que não se deixarão surpreender. Os caldenses quando se defendem costumam fazê-lo com acerto mas mesmo assim não evitarão a derrota.

O Lusitano recebe os campeões nacionais. Os leões estão agora um pouco melhor mas o grupo da casa necessita de vencer, o que não que dizer que o consiga. Um empate talvez seja o desfecho da partida até porque o Sporting nunca venceu o Lusitano no seu campo.

Os setubalenses recebem a Cuf que há oito dias derrotou o F. C. do Porto. Isto não assustará os sadinos que irão mais uma vez mostrar a sua boa forma e vencer o seu adversário.

Ao Porto vai o Guimarães defrontar os azuis-brancos nas Antas. O Vitória está a fazer uma boa prova mas não passará frente ao vice-campeão.

O Barreirense tem inteira necessidade de vencer e portanto no jogo a efectuar recebe a Académica que este ano continua à deriva sem conseguir

TRIBUNA DE VILA VERDE

(Continuação da 6.ª página)

Podíamos dizer mas não dizemos, que o sr. articulista se arrogou o direito de defensor de uma causa que, se não foi paga, até parece.

Podíamos dizer mas não dizemos, que o sr. articulista se avepinhou todo por dizermos que o exemplo partia dos de cima—não de todos—e de facto teríamos razão de o julgar de cima, se não soubessemos tratar-se de um entruso nos assuntos do Concelho de Vila Verde.

— Pergunta o sr. articulista que temos nós a ver com o facto de alguns industriais usarem o seu endereço—Prado—Braga, que armamos em Fiscal e que ainda nos lia-de perguntar quanto ganhamos por tal emprego.

Nós respondemos: O que escrevemos foi uma sugestão lógica que só aos Vilaverdenses diz respeito.

E agora cabe-nos a vez de perguntarmos ao nosso prezado interlocutor: E o estrangeiro residente em Prado, quanto ganha pelas suas insolências? Que tem V. Exa. de meter o nariz em assuntos que lhe não dizem respeito? Ora meta o seu nariz onde quizer e deixe em paz as outras pessoas.

— Diz ainda o nosso Ex. mo intruso à laia de pergunta, quanto ganhamos pelo nosso trabalho que, em vez de concorrer para a unidade da região de Vila Verde, ainda viemos

atinar com o seu jogo. O grupo da casa vencerá desta vez.

O Belenenses recebe o Sp. da Covilhã e não poderá cantar vitória antecipada pois os serranos estão a jogar com muita vontade e é sempre antagonista de temer. O grupo da Cruz de Cristo tem valores e por isso acreditamos numa vitória a seu favor.

O Benfica vai a Torres Vedras defrontar o grupo local. Em terreno pelado e em ambiente diferente os encarnados irão sentir muitas dificuldades mas estamos certos que vencerão. O Torriense ainda não está na sua forma habitual embora a derrota sofrida no passado domingo não conte, pois são resultados de acaso que aparecem raras vezes.

Praticamente o prognóstico está dado mas para não falharmos ao combinado vamos indicar números, o que se torna mais difícil, mas tem de ser.

Braga, 3-Caldas, 1
Lusitano, 2-Sporting, 2
Setúbal, 3-Cuf, 1
Porto, 3-Guimarães, 0
Barreirense, 2-Académica, 0
Belenenses, 2-Covilhã, 1
Torriense, 1-Benfica, 2

M. Janela

Visado pela
C. de Censura

acender mais os ânimos e criar novas rivalidades.

Santo Deus! como este homem caiu verticalmente com os disparates que contra nós escreveu! Se assim é, então sempre nós estamos dentro da razão e do que escrevemos. Então há ou não rivalidade por parte de alguns Pradenses? Parece não haver dúvida e é o próprio articulista que aqui o afirma e confessa publicamente, esse reincidiram como diz foi por culpa do sr. articulista que tinha o dever de não escrever asneiras, mas sim comporta-se alheadamente em terra que não é a sua, dos assuntos que só a nós dizem respeito.

— Para finalizar os seus disparates diz ainda o acérrimo defensor de causas alheias que desconhecemos os melhoramentos que se tem realizado em Prado e o intercâmbio que existe entre a Vila de Prado e a sede do concelho.

Pobre historiador!... A sua ignorância vai ao ponto de pensar que somos qualquer criança. Olhe sr. articulista: Já contamos 65 Janeiros e quando o sr. nasceu, já sabíamos o que eram obras e intercâmbio, entendidos.

Sobre as baboseiras—o termo é de V. Exa.—de que os Pradenses nunca vieram a Vila Verde, mendigar, essa não cabe nas... cabeças de ninguém e nem tal frase foi por nós referida no nosso artigo.

Se Vila Verde vai a Prado pedir para as Festas de S.º António, é porque as festas são do concelho; Se vão pedir para a música é por esta é do Concelho; se vão pedir para os Bombeiros é porque estes são do concelho.

Mas pedir para S.º António, para a Música ou para os Bombeiros, não é mendigar, como diz o senhor articulista; isso não é verdade e até parece incrível que um senhor que se dá ares de pessoa literata não soubesse distinguir as frases.

— E para terminar, diz o sr. articulista: Terminou o seu artigo. Só lamento não saber o mal que padece.

Antes de aconselhar os outros, devia dar o exemplo.

Já expliquei que há má interpretação dada por V. Exa. Mas se eu precisar de ir lá, tenho esperança de arranjar um lugar de Fiscal para quando o meu interlocutor lá der entrada, o meter numa camisa de forças e ficar bem seguro para não mais encomodar ninguém, nem ter a veleidade de se armar em defensor de assuntos que não são da sua competência nem da sua terra.

Dando por finda esta polémica estéril, devolvo-lhe os teirinhos todos os epítetos que me derijiu, com a certeza de que de uma vez para sempre o assunto está arrumado, a não ser... que queira beber mais água limpa. D.

Anunciai
na «Tribuna Livre»

A FEIRA NOVA DE AMARES

é um exemplo de quanto pode a iniciativa dos bons filhos duma localidade

(Continuação da 1.ª página)

mércios de pouca monta, largo de abandono, guerreada pelas autarquias locais.

Porém, no momento próprio, uma pleiada de bairristas, desse de antes quebrar do que torcer, uniram-se, numa ânsia não de assumir cargos ou honrarias públicas, não de fazer agrupamentos politiquieiros, não de mudar daqui para ali o centro da política, mas assim para darem todo o seu esforço pela sua Feira Nova.

Foi preciso abrir luta contra os elementos das Autarquias que não sabiam cumprir, mas dentro da lei e da ordem.

É o milagre deu-se. O que é hoje, em dois ou três anos a Feira Nova.

Os seus estabelecimentos comerciais avantajam-se. Tem uma das melhores tipografias do país, que trabalha para todo o Portugal, sem temer a concorrência tanto na parte artística como nos preços. Pelo seu largo, há boas casas de comércio em todos os géneros.

Construíram um edifício grandioso para a Caixa de Crédito Agrícola; abriram uma larga avenida onde já foram construídos quatro prédios; pensam

construir uma Casa do Povo de acordo com a importância da terra; dotaram o seu largo com instalações sanitárias subterrâneas; reorganizaram os Bombeiros e a Banda de Musical cujos componentes são, na quase totalidade, do Concelho de Amares; estão a construir um edifício para a Santa Casa da Misericórdia.

Vão construir grandiosas instalações para o Grémio da Lavoura, para os Correios, para o Quartel e Sala de Espectáculos dos Bombeiros, uma escola primária, ficando assim com duas boas escolas novas.

Arranjaram o seu campo de jogos do futebol, etc. Que dizer de gente assim?

São de tal idealismo e de acção que a Feira Nova já é exemplo pequena para os conter; são exemplo a seguir por todas as outras terras que gemem como eles gemeram, no ostracismo e no abandono.

O Estado Novo a todos dá possibilidades de trabalho e de progresso. É só seguir o exemplo dos bravos nacionalistas da Feira Nova. Eis avante e não temer!

MORREU S. SANTIDADE O PAPA

(Continuação da 1.ª página)

Às 3,52 horas de anteontem, dia 8 de Outubro, extinguia-se na sua residência de Verão, em Costelgandolfo, o grande Papa Pio XII, aquele que há-de ser lembrado através dos séculos como grande pensador e homem de ciência, mas sobretudo como um autêntico Santo Padre. Não podemos pôr em dúvida, que a sua canonização será um facto em tempo muito breve. De tudo quanto se possa lastimar na vida de Eugénio Pacelli foi, somente, a sua morte, por ser uma perda quase irreparável para a humanidade.

Notas Biográficas

Concluída com distinção a formatura em Teologia e Direito Canónico, foi ordenado presbítero no Domingo de Páscoa de 1899, por mons. Caseta, patriarca de Antioquia e vice-gerente de Roma, no oratório particular deste. Na segunda-feira de Páscoa 3 de Abril, cantou missa nova, na capela borgnesiana, na basílica liberiana de Santa Maria Maior. Ao histórico e solene acto assistiram, além de seus pais, seu irmão, o advogado Francisco Acelli, mais tarde feito marquês por Pio XI, em agradecimento pelos serviços pelo mesmo prestados, na elaboração do Tratado de Larão que estabeleceu o poder temporal do papa, criando o Estado independente da Cidade do Vaticano. Além de vários eclesiásticos, assistiu, também ao acto o cardeal protector de Portugal e antigo núncio apostólico em Lisboa, Vicente Vanutelli, arcebispo da basílica liberiana, que conhecia o novo ordinando, da sua rápida passagem pelo colégio de Capraria e que, ao ver que este ia exercer o seu "múnus" sacerdotal, como coadjutor dum cônego liberiano, entendeu que lhe devia servir melhor a carreira diplomática e, nesse sentido, o recomendou a mons. Cavagnis, então secretário para os Negócios Eclesiásticos Extraordinários, que o levou para a secretaria destes.

Em Fevereiro de 1901, começou o jovem padre dr. Eugénio Pacelli a prestar serviço naquele departamento da Santa Sé. Quatro anos depois, em 1905, o Padre Santo, Pio X, fê-lo seu prelado doméstico e camareiro secreto e, em 1911, sub-secretário de Estado dos Negócios Eclesiásticos. Foi nessa qualidade que fez parte da missão pontifícia que presidida pelo cardeal Granitto di Belmonte foi a Londres assistir à coroação de Jorge V. Por esta mesma altura, começou mons. Eugénio Pacelli a reger, na Academia dos Nobres Eclesiásticos, a cadeira de Diplomática, da qual foi mestre durante muitos anos, até mesmo depois de já ser cardeal e secretário de Estado de Pio XI.

Em 1912, publicou o seu livro «La personalidad e lo territorialidad della lege special nel Diritto». Também em 1912, por indicação do Cardeal Merry del Val, secretário de Estado de Pio X, foi nomeado pró-secretário da congregação dos Negócios Eclesiásticos, de que veio a ser secretário, dois anos depois, ao mesmo tempo que era nomeado consultor do Santo Ofício e da Congregação Consistorial. Foi nesta situação que mons. Aquiles Ratti, o futuro Pio XI, pôde conhecer e apre-

ciar, intimamente, mons. Eugénio Pacelli, o futuro Pio XII.

Quando 1914, o cardeal Della Chiesa foi eleito sucessor de Pio X, com o nome de Bento XV, e fez seu secretário de Estado e cardeal Pedro Gasparri, logo este escolheu mons. Eugénio Pacelli para um dos seus mais próximos e directos colaboradores, lançando, com ele, mãos à codificação do Direito Canónico e, bem assim, à realização doutros trabalhos da maior importância para a vida da Igreja. Três anos depois, o papa Bento XV eleva ao cardinalato o núncio apostólico em Munique, mons. Fruhwirt, que, por esse motivo, teve de abandonar aquele posto diplomático.

Logo o papa Bento XV pensou em mons. Pacelli para ocupar aquele posto, aliás difficilimo, por se estar em plena primeira guerra mundial. Foi eleito arcebispo titular de Sardes, em 23 de Abril, e sagrado em 13 de Maio de 1917 pelo Sumo Pontífice, na Capela Sistina. Em 22 de Junho do mesmo ano, era nomeado núncio apostólico na Baviera. Junto do Imperador Guilherme II e dando cumprimento às determinações de Bento XV, procurou arranjar uma forma de paz, tendo como base a libertação imediata da Bélgica. Ainda na Baviera, teve o futuro papa alguns dos seus primeiros grandes triunfos na carreira diplomática, a ele se ficando a dever a criação dum campo neutro para troca e assistência a prisioneiros, instalado junto da nunciatura de Berna.

O futuro Pio XII foi, em Munique, alvo da primeira arremetida comunista, ao ver assaltado o palácio da nunciatura por um bando comunista. Fimda a guerra, desaparecido Guilherme II, Pacelli conseguiu negociar uma nova Concordata entre a Alemanha e a Santa Sé e o reatamento das relações entre o Vaticano e a Prússia, transferindo a sede da nunciatura para Ber-

lim. Na capital alemã, o núncio Pacelli desempenhou a sua missão diplomática junto do socialista presidente Ebert e do nacionalista marechal Hindemburgo.

Ainda em fins do mesmo ano, no Consistório de 6 de Dezembro, o arcebispo titular de Sardes foi elevado a cardeal-presbítero pelo papa Pio XII, com o título de S. João e S. Paulo.

Em 18 do mesmo mês, o cardeal Pacelli recebia, das mãos de Pio XI, o báculo cardinalício e, ao outro dia, também imposto pelo Sumo Pontífice, o chapéu.

Em 7 de Fevereiro de 1930, vago o lugar de secretário de Estado pela renúncia, por doença e avançada idade, do cardeal Gasparri, Pio XI, pela carta «Coram Domino», nomeou o antigo núncio em Munique para aquele cargo. Mons. Pacelli fez tudo quanto pôde para se eximir ao exercício do pesado encargo, sem dúvida o mais difficil da Igreja. Um mês depois, em 25 de Março de 1930, Pio XI nomeou o seu secretário de Estado, arcebispo de S. Pedro e prefeito da respectiva fábrica, em substituição do cardeal Merry del Val, então falecido. Pela mesma altura, foi, também, nomeado prefeito da Congregação de Assuntos Eclesiásticos Extraordinários e presidente do comissão administrativa e cardinalícia da Santa Sé. Anos passados, em 1 de Abril de 1935, Pio XI escolheu ainda o então cardeal Pacelli para camarlengo da Santa Igreja.

Ao morrer Pio XI, na madrugada de 10 de Fevereiro de 1939, um dos primeiros actos dos familiares do papa defunto foi avisar os cardeais da Cúria e, antes de todos, o cardeal Pacelli, como camarlengo da Santa Igreja, a quem, nesta qualidade, cumpria proceder ao reconhecimento da morte do Sumo Pontífice.

Efectivamente, aquele foi o primeiro a chegar aos aposentos de Pio XI. Após beijar a

MONOGRAFIA

DE TERRAS DE BOURO

(Continuação)

Ontem como hoje se encontram vestígios de que *Bouro* começava de longe a divisar-se como ponto de referência: No Livro Velho das Linhagens *D. Egas Pais de Penagate* (Moure — V. Verde) de *Bouro*, como ainda se diz *Carrazedo de Bouro* e, de mais perto, *Santa Maria e Santa Maria de Bouro*.

Vem agora à feição outro ponto algumas vezes debatido e sem resolução — onde era *Bouro*, povoação propriamente definida em seus restritos limites, por ventura o centro de tráfego, esse *forum boarium* (feira de gado) a que os naturais acorriam, como em nossos dias, com suas espécies animais e produções da terra a negociá-las com os mercadores romanos mais affectos à cidade e à planície e do mesmo modo que os mais conceituados tratadistas da antiguidade descobrem sobre a cordilheira oposta (*Capraria*) o célebre *forum bialorum* ou *bubalorum* (de búbalos, cabra corpólenta da raça da gazela e da corça) que, embora vagamente, situam aí pelo vale de Geraz, entre Monsul e Lanhoso, como mais a norte igualmente se determina e localiza o também conhecido *forum limicorum* ou feira dos línicos?

Para quem conhece o terreno palmo a palmo, a rede de comunicações que se entrecruzavam com a velha via militar, a questão não oferece dúvidas — *Bouro* é onde sempre o foi; onde a seu tempo, já na alta idade-média, veio estabelecer-se definitivamente e rodear-se do respectivo burgo o antiquíssimo *mosteiro das montanhas*.

Aqui se manteve ainda que toldando-se lentamente, o seu velho prestígio até ao triunfo do liberalismo e extinção das Ordens, que se transferiu para a outra banda o pouco que restava de seus antigos poderes circunscricionais e administrativos.

Estas terras recomendam-se e impõe-se pela história sublime e heróica do seu passado; e pena seja que, no dizer de certo autor, os historiadores acordassem tarde demais para narrar grandes feitos praticados por estes lugares que agora se consideram inóspitos e desabridos; muitos desses heroísmos perderam-se para sempre na voragem do tempo...

Também por aquela mesma data (1258) se começou em princípio a história de seus donatários, feudalismo que quem dizer tenha sido entre nós atenuado, aqui, porém, verificado em todas as suas causas e efeitos.

Terras dadas a certos senhores, em *beneficio*, por serviços prestados à Coroa ou confiscados para ela, mercê ou agravo por crime de lesa-pátria ou magestade; e neste particular em que cada terra se prende ao fio da história nacional, pela influência e contributo que lhe deu e trouxe, se considera a verdadeira importância de uma história local — a monografia.

Diga-se, de antemão e desassombradamente, estas terras jazem em rotina dolente e fastidiosa autonomia de quase total esquecimento, quando todas as benesses chovem sobre as capitais e as cidades, que algumas mal eram nascidas e destes lugares eminentes partiram em cavalgadas vertiginosas coortes de bravos guerreiros que as libertaram do jugo saraceno.

Mal se lembra agora destes pontos de partida o apaixonado turista ou por motivo da saúde abalada todo aquele que mesmo lá de muito longe divisa sobre os umbrais da portentosa *serra geresiana*, que a Providência bafejou de seus dotes naturais, um luminoso, esperançoso dístico:

«*AEGRI SURGUNT SANI*».

(Os doentes levantam-se sãos).

Poderia parecer exagerada e desconcertante esta afirmação, mas não. A frase latina tem consigo, como máxima e adágio, o sabor da verdade confirmada pela experiência.

Por mais que o homem se esforce por encontrar nos prazeres, regalos e meios artificiais de distraimento a cura e o desfazio dos complexos problemas que a vida moderna vai suscitando em seu rumo inseguro e incerto, há-de cada vez mais sentir-se atraído pelo convívio forte e rejuvenescedor das forças vivas da Natureza (*Aquæ Calidæ*) onde o milagre se revela permanente, aqui expresso em virtudes terapêuticas, como tantos outros dons e mistérios inefáveis por que se manifesta a grandeza e a própria existência do supremo Criador de todas as coisas. (Continua)

Agência Funerária

DE

Manuel da Cunha

Esta casa encarrega-se de todos os serviços fúnebres, bem como:

Ornamentações de igreja, tanto em luto como em gala, andores dos mais luxuosos, coroas, ramos para casamentos, ornamentações de cruzeiros e todos os serviços deste género.

Sempre grande depósito de luxuosas urnas.

No seu próprio interesse consulte esta casa em

Coucieiro—Vila Verde

mão do papa falecido, aquele que viria a ser o seu sucessor tomou imediatamente as funções de camarlengo, procedendo ao reconhecimento ritual da morte do Sumo Pontífice e fazendo lavar a respectiva certidão de óbito.

Depois, durante dezoito dias, o tempo máximo que deve mediar entre a morte do papa e a convocação do con-

clave para a eleição do seu sucessor, o cardeal Pacelli presidiu aos destinos da Igreja, como camarlengo. Ao entrar no conclave, na manhã de 1 de Março de 1939, o cardeal Pacelli tinha governado a Igreja, durante dezoito dias, mais do que alguns pontífices, com o maior acerto, bondade, prudência, felicidade e energia.

Tribuna Desportiva

Assim vai o Nacional da 1.ª Divisão

Disputou-se no pretérito domingo a 4.ª jornada do Nacional da 1.ª Divisão, que como as anteriores também nos ofereceu algumas surpresas.

E assim a principal surpresa da tarde foi-nos dada pelo G. D. da Cuf, ao bater o F. C. do Porto. Embora de antemão se considerasse a vitória do F. C. do Porto como duvidosa, tudo fazia prever que os sub-campeões Nacionais, dessem tudo por tudo para alcançar a vitória. O Belenenses foi também a Coimbra arrecadar dois preciosos pontos, o que apesar de já ser tradicional, não é façanha boa de realizar. O Vitória de Guimarães, saiu também vencedor do já conhecido e tradicional jogo com o Sp. de Braga. No resto nada mais há a salientar, a não ser esmagadora derrota dada pelo Lusitano ao Torriense, somando assim os seus dois primeiros pontos. Os resultados desta 4.ª jornada foram os seguintes:

SPORTING, 2-SETUBAL, 0

Saiu vencedora a equipa que mais trabalhou para isso. No entanto é de salientar a forma como os Setubalenses se entregaram à luta nunca se dando por vencidos. E se não fora duas avançadas de rajada do médio centro Sportinguista, em tarde de grande acerto, talvez os Setubalenses tivessem conseguido os seus intentos.

CUF, 1-PORTO, 0

O encontro que nos forneceu a principal surpresa da jornada, foi um jogo em que am-

basas partes jogaram mal, tendo por vezes o F. C. do Porto atingido o paupérrimo. Aos cufistas, com um adversário em tarde de completo desacerto, bastou-lhes serem um pouco melhores na espontaneidade do jogo.

COVILHÃ, 1-BENFICA, 1

Num desafio disputado taca a taca, o resultado ajusta-se bem ao trabalho das duas equipas.

LUSIT, 7-TORRIENSE, 1

Os locais lançando-se deliberadamente ao ataque em quase todo o jogo, tiveram a paga do seu esforço.

No entanto a grande goleada sofrida pela equipa de Torres Vedras, deve-se ao grande acerto da linha avançada local, em tarde de verdadeira inspiração, e ao desacerto da defesa visitante.

ACADÉMICA, 1-BELEN, 2

Já é tradicional o Belenenses ser feliz nas suas deslocações a Coimbra, tendo acontecido até por vezes, que actuando com menos acerto que os estudantes, os lisboetas têm-se retirado vencedores. E assim mais uma vez os estudantes se podem lamentar da má sorte que tiveram.

CALDAS, 4-BARREIR, 3

É de assinalar a grande movimentação com que o en-

(Continua na 4.ª página)

TRIBUNA DE VILA VERDE

Delegado: JOÃO VILELA

PANORAMA SOCIAL

Os dados foram lançados! Há que acabar a partida.

Como se havia previsto, o articulista do Vilavendense que dá resposta ao nosso «Panorama Social inserto no semanário «Tribuna Livre» de 13 de Setembro último, aproveita a dramática oportunidade, ainda mais, os anteriores objectivos de uma política local, em face do apaixonado bairrismo existente há muito tempo contra a sede do Concelho.

Não era nossa intenção dar resposta ao sr. articulista em questão, que não conhecemos, nem pretendemos conhecer, mas não podíamos ficar de braços cruzados perante uma amálgama de disparates que nada tem a ver com aquilo que escrevemos muito correctamente, dizendo apenas a verdade sem ofendermos ninguém, até nem com a palavra «Barcelos» que o sr. articulista, ou os seus donos, tomaram à conta de guias passadas para a casa de saúde e que afinal, a referência feita por nós, foi apenas por se tratar de uma terra na margem direita do Cávado, para os que não quizessem ser de Vila Verde e não poderem pertencer a Braga, por uma questão geográfica.

Em face de tantas babuzeiras—a frase é do sr. articulista—não podíamos ficar quietos.

Em primeiro lugar, permitame o acérrimo defensor officioso dos interesses dos tais Pra-

denses—que não querem pertencer a Vila Verde, porque os verdadeiros e esses são em maior número, não fazem questão disso—, que lhe diga que foi de infelicidade tremenda com o seu arrasado e que lhe aconteceu como aquele afogado que quando estava prestes a afogar-se tentou agarrar um cabelo para se salvar e não o conseguiu, submergindo em seguida para só aparecer a boiar em estado de putrefação.

Podíamos dizer, mas não diremos, que o sr. articulista fora assalariado para tomar uma defesa descabida num assunto sem importância que só aos habitantes de Prado diz respeito, e que a sua dialéctica é própria de um indivíduo de fora da terra, desconhecedor absoluto dos meandros da terra em que vive.

— Diz o sr. articulista que não somos versados nas Sagradas Escrituras.

Sim! isso é verdade.

— Diz o sr. articulista que os poucos conhecimentos que manifestamos no nosso indesejável trabalho, foram colhidos num outro saído do Vilavendense.

Também foi verdade!...

Mas, diga-me lá sr. articulista: Quando o sr. tem sede vai procurar água suja para beber? Por acaso não foram outros que prepararam a fon-

te para V. Ex. cia saciar a sua sede de conhecimentos? Ou foi o sr. quem escreveu as Sagradas Escrituras!... No entanto o sr. articulista não é um plagiário como eu o não fui, nem nós, nem o mundo inteiro, católico.

— Se V. Exa. sabe muito latim é porque com certeza o estudou. Se estudou e a sua profissão é ensinar, porque não corrigiu o meu «Latinório» em o Vilavendense, praticando assim uma das obras de misericórdia em lugar de vociferar frases sem nexo e feias, numa questão que é do lado de cá do Rio e só a nós pertence!...

— Diz depois o sr. articulista:

— Ora vejam a que ponto chega um homem tresloucado e que naturalmente quer que lhe tirem o chapéu e o tratem por excelência.

Ora vejam, digo eu agora, que relação há nestas frases com as que escrevemos, escritas por um talento desta natureza que vai buscar um chapéu e uma excelência para dar réplica a um artigo que nem fala numa nem noutra coisa. Qual de nós é o tresloucado? Eu que ventilei um assunto sem politiquice, ou um articulista que está prestes a afogar-se por carência de assunto?

Não necessito que me tirem o chapéu nem me dê m excelência. Apesar de que estou habituado a tirar o meu chapéu a toda a gente e até o tirarei a V. Exa. depois de o conhecer, como é o meu hábito e até a peixeiras da minha terra se gabam desta minha gentileza.

(Continua na 4.ª página)

Folhetim de «Tribuna Livre», 87

SEMPRE NOIVOS

Por Porfírio de Sousa

(Recordações do Minho — Usos e costumes)

O milho logo que atinja pouco menos de um palmo de altura é sachado (picado) de molde a cortar a milhã e de esterrear e revolver a terra, chegando-a para a raiz.

Para o serviço das sachadas são chamadas mulheres, mas, de preferência, raparigas novas.

O calor é intenso e as sachadeiras para se protegerem dos esbraseantes raios de sol usam chapéus de palha, de aba larga.

Os campos, como ficou dito, estão divididos em tornas e leiras.

A Maria Teresa, consciência dos seus deveres e das suas responsabilidades de dona de casa, depois da merenda, vai ao campo e faz-se acompanhar de uma das criadas com o apreciado e espirituoso vinho verde.

As mulheres agrupam-se, a uma sombra, para beberem o sabroso líquido e, no fim, dão estalinhos com a língua, como confirmação, sem réplica, de que aquele é puro como saiu da mãe... quer dizer, do tonel!

Antes de retomarem o trabalho, cantam em coro e depois de mais uma rodada de vinho elas aí vão, novamente, acupar os seus lugares, cheias de entusiasmo e de vivacidade.

O trabalho faz-se, pois, em ritmo acelerado e no meio de uma alegria sã e comunicativa que é exteriorizada por hilariantes e contínuos descantes.

A tarde, depois do sol posto, cessa a faina agrícola e as mulheres saem do campo e vão lavar-se; enquanto esperam pela última refeição palram, fazendo a crítica humorística de todos os factos que se passaram na aldeia no decurso dos dias transactos.

A mulher minhota, principalmente, a que labuta no campo, desde o alvorecer da aurora até que anoitece, nunca está quieta ou parada, pois o trabalho por mais duro e extenuante que seja, não é capaz de lhe dissipar a alegria e de lhe diminuir o entusiasmo e as forças.

Finda a ceia, se aparecem alguns rapazes com instrumentos, as sachadeiras, em vez de irem para as suas respectivas casas descansarem, organizam um arraial e ali continuam, pela noite dentro, a cantar e a dançar.

Há raparigas que vão quase diariamente a Braga, percorrendo a distância de 40 quilómetros, à ida e à volta, carregadas, de casa para a cidade e vice-versa, com açafates à cabeça, e nem por isso deixam de cantar e dançar pelo caminho.

E quando chegam a casa, depois de tomarem uma frugal refeição e de se dessedentarem com uma malga de vinho, elas aí estão frescas como alfaces, como em manhã orvalhada, para irem para o campo acabar o dia nos trabalhos agrícolas em curso.

(CONTINUA)

Dr. Fernando Adelino Faria Ferreira

MÉDICO

CLÍNICA GERAL

Telefone 65145

CALDELAS